

Vivendo um Sonho¹

A história do Hillsong College: por mais de 30 anos, o Hillsong College *impactou, influenciou e cresceu em escala global!* Você pode ter ouvido *histórias* ou até mesmo caminhado pelos corredores do Hillsong College, mas agora poderá ter um gostinho da *aventura completa*. Descubra onde e quando tudo começou, a nossa história e os nossos objetivos.

<https://hillsong.com/college/about> (minha ênfase)

“Você quer participar da Capela?”, a vice-diretora do Hillsong College (City Campus) me perguntou ao final da nossa entrevista. Ela explicou que a Capela era um culto de uma hora organizado pelos e para os alunos nas quartas-feiras de manhã. Era como um treinamento antes de sair mundo afora. Ela iria pregar naquela manhã e gostaria que eu estivesse lá junto com os estudantes. Eu aceitei a oferta com prazer e caminhei junto com ela do café, onde fizemos a entrevista, até o prédio que abriga a igreja e o College no centro de Sydney. Enquanto caminhávamos, muitos alunos passavam por nós, vindos de todas as direções e dirigindo-se à igreja. A maioria dos estudantes internacionais e de outras localidades da Austrália compartilha apartamentos próximos à igreja, sublocados pela Hillsong², e estavam voltando para a escola depois do intervalo matinal.

1 Capítulo traduzido para a língua portuguesa por Caroline Milan Guarnieri, sob supervisão e revisão de tradução da Profa. Dra. Rozane R. Rebechi e Profa. Dra. Cristina Rocha.

2 A Hillsong tem um sistema de moradia estudantil que subloca acomodações para os alunos do Hillsong College. De acordo com o site do College, as casas perto da sede nos arredores de Sydney são grandes (com quatro quartos) e acomodam de seis a oito estudantes, enquanto os apartamentos perto do City Campus são menores (com dois quartos), e hospedam de quatro a seis alunos. Como consequência, estudantes do mundo todo moram próximos uns dos outros por longos períodos de tempo, criando comunidades cosmopolitas bastante unidas. Para saber mais sobre a moradia, acesse <https://hillsong.com/college/student-living>.

Ao passar pelas portas grandes, nos encontramos em uma recepção muito bem iluminada. Lá, três jovens trabalhavam atrás de um balcão redondo de recepção. Eles nos receberam com um sorriso. Quatro mesas longas de madeira estavam posicionadas em linhas diagonais a partir do balcão, e alguns estudantes usavam seus notebooks enquanto outros conversavam. Olhei para cima e me dei conta de que a agradável luz da manhã que nos banhava vinha de uma claraboia enorme em formato de pináculo ou de pirâmide no teto. Todos tinham vinte e poucos anos e aparentavam vitalidade e saúde; eles pareciam radiantes. Entramos no auditório da igreja e a vice-diretora foi para a coxia. O auditório estava completamente escuro e, por um momento, eu não conseguia ver onde estava. Mas, sem demora, as luzes iluminaram o palco, a contagem regressiva iniciou e então a banda começou a tocar. E foi um completo caos! Muitos alunos se aproximaram do palco e começaram a gritar, pular, bater palmas e dançar com as mãos para o alto. Alguns abriram os braços em forma de cruz num movimento de acolhimento ao Espírito Santo. Um jovem de cabelos compridos levantou a cadeira de plástico por cima da cabeça e a balançou como se fosse atirá-la. Outros levantavam o dedo indicador, mostrando que Jesus é número um, ou o maior.

Depois das canções de adoração, os estudantes se revezaram no palco/plataforma para se apresentar nas diferentes partes do culto. Em certo momento, a mestre de cerimônias chamou uma garota para realizar uma sessão “Out of the Boat”³ (“Fora do Barco”, em tradução livre) — um exercício de pregação que dura três minutos. Sob uma tempestade de aplausos e assobios, a estudante asiático-americana subiu ao palco. Enquanto ia de um lado para o outro, ela nos contou sobre a vez em que foi convidada para pular de bungee jump, mas quase desistiu quando estava prestes a pular.

3 As sessões “Out of the Boat” fazem referência à história em que Jesus convida Pedro para caminhar pelas águas, mas ele começa a afundar por conta de sua fé fraca. Em outras palavras, é uma sessão para depositar a fé em Jesus. Para saber mais, ver “Jesus Anda Sobre as Águas”, em Mateus 14:22-33 (NVI).

Ela comparou aquela ocasião com o momento em que você entrega a sua vida a Deus: “É assustador, mas você tem que fazer,” ela concluiu. O rosto dela foi exibido nos telões no fundo do palco durante todo o tempo. Quando terminou, mais palmas e assobios sucederam. Ela foi uma celebridade por três minutos (o tempo acelerou desde que Warhol nos disse que, no futuro, todos ficariam famosos por quinze minutos). O cristianismo descolado é ser parte da cultura da celebridade não apenas por estar perto de pastores famosos e líderes de adoração, como mostrei no capítulo 1, mas também por poder virar celebridade por um breve momento.

Quando o culto terminou, todos sorriam, se abraçavam e conversavam entre si. Dava para sentir o carinho entre os jovens. Esses estudantes passam por momentos em que se sentem perdidos e com saudade de casa, e se preocupam com as despesas do College: eles e a vice-diretora me disseram isso nas entrevistas e durante as nossas conversas informais. Ainda assim, a manhã inteira me pareceu uma propaganda de cultura jovem. Se estivéssemos nos anos 1980, ela seria uma propaganda típica da Benetton. Havia pessoas de todas as nacionalidades e cores; muitas delas ostentavam tatuagens, e a maioria estava bem-vestida, com um estilo meio hipster — jeans rasgados, camisas de botão fechado até o pescoço, óculos grandes com armação preta, botas, chapéus *boho* e cabelos longos. Como em um comercial da Benetton, eles eram bonitos, alegres, saudáveis, culturalmente diversos e descolados.

Da mesma maneira, a citação sobre o College no início deste capítulo e as fotos no site do Hillsong College também são uma propaganda para pessoas jovens.⁴ Os estudos no College são comparados a uma “aventura” na qual os alunos se juntam aos que vieram antes deles — embora eles “possam ter ouvido suas histórias,” agora “podem ter um gostinho da aventura completa.” Eles serão capazes de fazer parte de uma instituição que tem “impacto global”. O material de marketing do College tem todas as características da marca Hillsong: entusiasmo, euforia e crescimento, além do

4 <https://hillsong.com/college>

impacto e da influência globais. É uma marca que será associada às próprias histórias de vida dos novos estudantes, assim como todas as outras marcas.

* * *

Neste capítulo, discuto as experiências dos brasileiros no Hillsong College, algo que eles constantemente comparam a “viver um sonho”. Estudiosos investigaram a forma com que as megaigrejas mobilizam o trabalho afetivo da congregação com o intuito de crescer (Johnson, 2017; Thumma e Bird, 2015; Twitchell, 2004; Wade e Hynes, 2013). Aqui, eu reflito sobre as experiências afetivas e transformadoras dos jovens brasileiros que moram nos apartamentos do Hillsong College e que chegam sozinhos em Sydney. Tenho interesse na forma como eles incorporam afetivamente a sua subjetividade dentro da igreja e veem a experiência de estudar e servir em tempo integral (ou seja, doando tempo e energia consideráveis à igreja) como “viver um sonho”. Por que eles se sentem assim? Nos capítulos anteriores, vimos como o afeto criou fã-clubes e *mapas de significância* que fizeram com que brasileiros fossem para a Hillsong na Austrália. Nós também vimos como suas vidas se tornam difíceis depois que chegam lá e vivenciam um rebaixamento de status social. Neste capítulo, eu observo um grupo que está mais imerso na igreja do que os brasileiros que frequentam os cultos. Argumento que há muitas razões para que se sintam entusiasmados com o College, embora isso signifique que seu tempo livre seja consumido pelas aulas e pelo voluntariado.

O fato de o Hillsong College focar mais em liderança do que em teologia, combinado com o voluntariado obrigatório, oferece ferramentas para que os brasileiros possam transformar a sua subjetividade enquanto estão fazendo a transição para a idade adulta. Igrejas de buscadores, como a Hillsong, são conhecidas por abraçar o neoliberalismo e o consumismo. Para se tornarem interessantes aos desigrejados, elas adotam as estratégias de mercado das corporações, focando no marketing, na marca

(*branding*), no crescimento e na gestão. E o Hillsong College não é diferente. Anteriormente conhecido como Hillsong International Leadership College, ensina os alunos a se tornarem líderes cristãos de destaque em qualquer área profissional que escolherem. Mas os estudantes aprenderam muito além das estratégias de liderança. Eles aprenderam pontualidade, confiabilidade e excelência, e também que estavam em nível de igualdade com os pastores e os líderes de adoração da igreja. Eles me disseram que esses ensinamentos eram fundamentais para sua vida adulta, para quando começassem a trabalhar.

Nesse contexto, eles aprendem a ser não apenas adultos, mas também sujeitos modernos (Beck, 1992; Giddens, 1991). Em um artigo hoje clássico, Thompson (1967) demonstrou como o tempo do relógio (em oposição ao tempo da natureza), pontualidade, confiabilidade e disciplina se tornaram importantes no início do capitalismo industrial. Essas características eram necessárias para a sincronização e exploração da mão de obra. Ao adquirirem essas habilidades, os jovens brasileiros se sentem apoiados na sua futura entrada no mercado de trabalho. Essa transformação da subjetividade também tem lugar dentro da igreja. De acordo com Giddens (1991), enquanto em sociedades tradicionais os indivíduos submetiam-se a autoridades externas e tinham suas escolhas limitadas por tradições e costumes, na modernidade tardia há menos restrições de comportamento, e a sociedade passa a ser mais reflexiva, enquanto os indivíduos “trabalham” na sua identidade em vez de herdá-las. Por conta dos papéis sociais não serem mais perpetuados, os indivíduos precisam refletir e escolher um “estilo de vida” para poderem criar narrativas para suas vidas (1991, p. 81).

Nas igrejas brasileiras, onde o pastor tem autoridade sobre os fiéis, é muito difícil que os jovens consigam criar autonomia e responsabilidade sobre as suas vidas, uma dinâmica muito similar à do ambiente familiar. Entretanto, a partir do momento que se encontram sozinhos na Austrália, eles fazem parte de uma igreja e de um College culturalmente mais inclusivos e tolerantes para atrair os desigrejados, onde aprendem que têm autonomia para interpretar a Bíblia e para se comportar da forma que desejarem

(desde que esteja de acordo com os ensinamentos bíblicos). A maioria me contou que se sentiram tratados como adultos pela primeira vez na vida. Eles também ficaram muito surpresos e animados ao descobrirem que os pastores famosos e líderes não eram privilegiados. Eles eram, na verdade, iguais a todos que participavam do trabalho diário da igreja, um contraste gritante em comparação ao modo como os pastores brasileiros e os líderes de louvor famosos exerciam poder e privilégio sobre os menos poderosos, como veremos neste e nos próximos capítulos.

Os estudantes brasileiros também demonstraram um desejo intenso por fazer a diferença no mundo. Para eles, estar no College de uma igreja de impacto global e aprender como “fazer a igreja” do jeito Hillsong era uma forma de realizar este desejo. Eu também sugiro que eles consideravam suas vidas no Hillsong College como viver um sonho por causa de seu aspecto cosmopolita. Lá, eles podiam aprender inglês, estudar, dividir quartos e fazer amigos com jovens do mundo inteiro. O fato de o College também focar nas indústrias criativas (dança, louvor, TV e mídia, liderança pastoral e produção) significa que eles podiam se divertir em um curso que acreditavam ser relevante para suas vidas. Por fim, aprender o estilo da Hillsong no College permitia que se sentissem pertencentes à igreja (e à marca) que amavam, que por sua vez passou a ser associada às suas próprias subjetividades, como geralmente acontece com as marcas. Como Wade e Hynes (2013, p. 176) observaram, os frequentadores da Hillsong realizam um “trabalho afetivo e estão envolvidos na produção da sua [própria] subjetividade.” Isso fez com que os horários rígidos e o intenso voluntariado fossem vistos como um investimento em seu futuro e no de suas igrejas do Brasil, as quais eles desejavam transformar.

Em resumo, o Hillsong College suscitou respostas profundamente afetivas dos alunos brasileiros. Aqui, eu considero como essas experiências emocionais são produzidas e qual a sua importância nas vidas desses jovens.

Voluntariado

Thumma e Bird (2015, p. 2338) constataram que enquanto as megaigrejas possuem “pastores seniores com personalidades dominantes”, elas “devem estimular tanto o envolvimento dos leigos no funcionamento da igreja quanto a apropriação da visão e a noção de compromisso por parte deles.” Isso é feito através de um modelo de liderança de grupos do mundo corporativo. Para eles, esse modelo “empodera os voluntários para operarem em grupos pequenos ou como líderes de ministério. Essa dinâmica, por sua vez, os treina e oferece oportunidades para porem a liderança em prática, o que também pode ser replicado na vida fora da igreja.” Outros estudiosos não possuem uma visão tão otimista do voluntariado. No estudo sobre a Mars Hill, nos Estados Unidos, Johnson (2017, p. 160) fala sobre como os voluntários doam seu trabalho emocional, físico e espiritual para transformar pastores em celebridades e para tornar a megaigreja uma “experiência sem igual”. Ela aponta o custo nas vidas dos voluntários porque são frequentemente ignorados e seu trabalho não é reconhecido. Isso também pode levar a abusos (sexual, emocional, espiritual e físico), como os praticados pelos pastores Mark Driscoll, da Mars Hill; Bill Hybels, da Willow Creek; James MacDonald, da Harvest Bible Chapel e Carl Lentz, Brian Houston, e outros da Hillsong.

De fato, na Hillsong, os voluntários e seu trabalho afetivo são uma parte significativa da marca e do crescimento massivo da igreja. De acordo com Wade e Hynes (2013, p. 176), “Na medida em que a Hillsong é um empreendimento teológico e capitalista, a congregação de fiéis funciona como um grupo de trabalhadores afetivos da igreja.” Sempre sorridentes, eles estarão guiando você a uma vaga de estacionamento, dirigindo o ônibus entre a estação de metrô e a igreja antes e depois dos cultos, recebendo você nos portões da igreja e o guiando para os assentos vagos, na recepção, na cafeteria, na loja, atrás das câmeras e da mesa de som, traduzindo o culto para diversos idiomas, dentre uma infinidade de outras funções.

A quantidade excessiva de trabalho voluntário que as congregações dos Estados Unidos e do Reino Unido demandam veio à tona com a demissão do pastor celebridade Carl Lentz e as consequências disso na filial de Nova Iorque, no fim de 2020. Uma história veiculada pelo *The Post* (Frishberg, 2020) dizia que:

‘É como se você trabalhasse para uma empresa grande – só que pior’, disse Nicole Herman, que ajudou a fundar a Hillsong de Los Angeles em 2013, ao *The Post*. Herman alega que o ‘abuso de voluntários, pessoas reais e incríveis’ por líderes da Hillsong para satisfazer suas ‘necessidades mesquinhas’ (uma prática chamada de *honoring*, ou seja, honrar) a lembram de macarrão instantâneo: os líderes acham que podem só adicionar água, sem nenhum investimento emocional, e vão receber um rebanho de trabalhadores leais que não são remunerados.

Um antigo pastor da Hillsong do Reino Unido (Jobes, 2022) comparou o trabalho na igreja à escravidão em seu blog:

Os voluntários trabalham sem parar; eu sempre passava das 20 horas semanais de voluntariado, além do meu emprego em tempo integral, e nunca era o suficiente. Sempre havia mais demanda. E o trabalho sem remuneração não é só na organização dos cultos, os estagiários sempre eram encarregados da limpeza, do jardim e de diversas outras tarefas nas casas dos pastores.

Para os alunos do Hillsong College, o voluntariado é obrigatório. Na teoria, é onde eles põem em prática o que aprendem no College. Miller (2015, p. 244) observou que “Frequentar o Hillsong College [...] requer muito sacrifício de tempo e de dinheiro, sem a garantia de um emprego no final.” Durante as conversas com estudantes brasileiros, ficou evidente que o trabalho voluntário exige uma quantidade excessiva de tempo e de energia. Espera-se que os alunos entrem em contato com pessoas que visitaram a igreja recentemente para saber se estão bem e convidá-las a voltar à igreja. Eles também devem trabalhar nos cultos aos finais de semana, além do

“Sisterhood” e do “Hillsong Men” (eventos semanais voltados para mulheres e homens, respectivamente), nos espetáculos de Páscoa e de Natal, e em outros eventos internos. Eles também servem em eventos maiores, como a “Colour Conference”, para mulheres, e a “Hillsong Conference”, realizadas anualmente. Esta última é particularmente exaustiva para os alunos do College. Um ônibus sai de manhã cedo da estação central ou da sede da igreja, em Baulkham Hills, e vai até o Parque Olímpico de Sydney, onde a conferência acontece, e volta tarde da noite. Na conferência, os alunos são divididos em equipes e muitos deles não conseguem participar das atividades, pois estão trabalhando nas lojas e na cozinha. A presença em todas essas atividades “práticas” é cobrada e os estudantes que faltarem devem compensar as horas perdidas.⁵

Em 2021, enquanto a Hillsong estava enterrada em escândalos sexuais e financeiros, a mídia expôs um caso de assédio sexual que um líder de pregação da igreja cometeu no Hillsong College.⁶ Também houve reclamações na página do Facebook de ex-alunos. No momento da inscrição, por exemplo, os estudantes devem assinar um termo de confidencialidade e são entrevistados sobre sua vida sexual. A Hillsong utiliza as informações dessas entrevistas para posicionar os alunos em um sistema de cores que os autoriza (ou não) a trabalhar com crianças. Para lidar com essas reclamações e escândalos, a Hillsong contratou um renomado escritório de advocacia para realizar uma revisão confidencial das políticas internas do

5 Para saber mais, acesse <https://trainers.hillsongcollege.edu.au/category/trainer/academic/>.

6 Em 2021, dentre os escândalos que vieram à tona na Hillsong, um líder de louvor, filho do chefe de Recursos Humanos da igreja, assediou sexualmente uma aluna norte-americana do Hillsong College enquanto estava bêbado. Embora ela tenha denunciado o ocorrido, o caso só foi investigado quando seu pai, pastor, pressionou a igreja e expôs o caso na mídia. O agressor se declarou culpado em um tribunal de magistrados, mas retornou à igreja algum tempo depois. Para saber mais, acesse <https://www.news.com.au/lifestyle/real-life/news-life/hillsong-abuse-victim-slams-heartbreaking-response-frombrian-houston/news-story/c65f0124eed1d908529e8589daa17d94>.

College. Esse relatório vazou para o *Crikey*, um veículo de comunicação australiano, que expôs (Hardaker, 2021):

Uma descoberta importante diz respeito à exploração de estudantes como mão de obra gratuita para outras atividades da Hillsong, como as conferências. Como o *Crikey* já relatou anteriormente, o modelo comercial da Hillsong depende significativamente de mão de obra gratuita — cerca de 5.790 voluntários trabalham em diversas funções e atividades, como as conferências e os cultos. As produções musicais — que dão a marca registrada dos cultos da Hillsong — são quase inteiramente realizadas por voluntários, com mais de 1.800 funcionários não remunerados. O relatório, que data de três semanas atrás, diz que ‘vários ex-alunos’ demonstraram preocupação sobre ‘uma expectativa de voluntariado’ muito além dos compromissos acadêmicos e práticos do curso.

Depois que esse relatório veio a público, a Hillsong divulgou um comunicado afirmando que atuaria na criação de “um conselho de representação estudantil, com estudantes eleitos e nomeados para facilitar a comunicação sobre os assuntos de maior importância e preocupação para o corpo discente”⁷. A megagreja também iniciou uma campanha publicitária nas redes sociais com alunos e ex-alunos exaltando as experiências que tiveram por lá.

Dos mais de 20 brasileiros com quem conversei, apenas uma ex-aluna mencionou que o trabalho no Hillsong College era excessivo. Ela serviu na Hillsong por dois anos, mas decidiu estudar no Alphacrucis (o College oficial da rede de igrejas pentecostais da Austrália, a Australian Christian Churches), em vez do Hillsong College, por causa da quantidade de serviço voluntário exigido. Ela disse:

7 Para saber mais, acesse <https://hillsong.com/newsroom/blog/2021/08/hillsong-college-looks-to-the-future/#.YSh2CY77Sbg>.

Eu acho que o voluntariado no College é muito exagerado; não dá para trabalhar fora [e receber um salário]. Na verdade, eu acho que é loucura. Mas eles [os alunos] estão tão felizes, não estão? Às vezes eu acho que eles são um pouco ingênuos, sabe? Teve uma vez que eu trabalhei na conferência e quase morri. Eu ficava na porta ajudando. Achei que [o número de horas] era absurdo; é muito trabalho. Eu não acho que alguém consiga aguentar, mas eles são jovens, acho que essa é a diferença. E eu acho que quando você é mais velho, fica mais crítico com as coisas, mais seletivo.

Portanto, para ela, a pouca idade dos alunos significava que eles tinham mais energia e não possuíam pensamento crítico sobre a situação em que foram colocados. Todos os alunos que entrevistei tinham em torno de 20 anos quando foram para a Austrália, então o argumento dela faz sentido. Ainda assim, sugiro que não é só isso. Foi a pouca idade deles que fez com que a experiência no Hillsong College fosse um momento importante na transição para a vida adulta, como veremos nas próximas seções. Ademais, enquanto serviam, eles sentiam que estavam aprendendo a fazer a igreja do jeito Hillsong, o que seria proveitoso na volta para casa, pois sonhavam que poderiam transformar as suas igrejas. No estudo das megaigrejas como instituições educacionais, Cartledge (2020, p. 184) alegou que:

Não se trata só do que as pessoas sabem e quais habilidades desenvolvem, mas também *o tipo de cidadãos que se tornam*. As megaigrejas oferecem oportunidades que ajudam a moldar indivíduos e comunidades. Esse aspecto do aprendizado costuma ser esquecido na análise das megaigrejas, mas é imensamente importante para esses indivíduos e para nós, quando refletimos sobre a contribuição dessas instituições.

Nas seções seguintes, veremos como o tempo que passaram no Hillsong College os transformou e o que eles ganharam com essa experiência.

Tornando-se Adulto

Ainda que o trabalho voluntário seja cansativo, talvez haja benefícios para os jovens. Pesquisadores australianos descobriram que, na maior parte das vezes, o que motivava os jovens a fazerem trabalho voluntário era: a ajuda ao próximo, o crescimento pessoal, o reconhecimento de competências e a melhora das perspectivas de emprego (Mason et al., 2010). Os brasileiros listaram essas mesmas razões quando perguntei por que ficavam felizes de se voluntariar no Hillsong College. Como vimos no capítulo anterior, essa era a primeira vez que os jovens brasileiros estavam longe de suas famílias e de seu país. Brasileiros de classe média só saem de casa depois que terminam a faculdade e passam a trabalhar em tempo integral. Os empregos que exigem pouca qualificação — como os de servir em cafés e restaurantes, que no Norte Global normalmente são exercidos pelos jovens enquanto estudam — no Brasil são ocupados pelos setores de classe baixa, então acabam sobrando poucas oportunidades de emprego para esse grupo. Além disso, os jovens não aprendem a cozinhar, limpar e a fazer compras para a casa enquanto moram com os pais, dado que essas atividades são realizadas por empregadas domésticas ou pelas mães.

Os estudantes brasileiros normalmente se matriculam no Hillsong College depois de terminarem o ensino médio ou durante a faculdade. Eles estão próximos da vida adulta e, para a maioria, esse tempo na Austrália e no Hillsong College é como um “intercâmbio”, um rito de passagem em que os jovens de classe média aprendem inglês e se tornam adultos independentes e cosmopolitas. Como vimos no capítulo 1, a Hillsong abre espaço para o crescimento pessoal na era neoliberal, assim como as outras igrejas de buscadores. Os cultos visam encontrar a solução de problemas cotidianos das pessoas por meio da Bíblia. A igreja também atua como uma marca e estimula o consumo através da venda de produtos como livros escritos por pastores, gravações das pregações, bíblias, canecas e roupas. O foco que o College dá para a liderança, uma característica das megagregas, já

que adotam elementos do mundo corporativo, também faz parte da relação com o neoliberalismo. Carlos, um aluno do segundo ano, observou:

O nome já diz [tudo], é o Hillsong International Leadership College. É uma escola de liderança que se fundamenta na Bíblia. As aulas de liderança que temos não são voltadas somente para a igreja, tanto que utilizamos materiais que vêm de fora. Não sei se você conhece o John Maxwell⁸. Ele escreve sobre liderança [...]. Por exemplo, no primeiro ano nós temos uma disciplina que é Liderança Pessoal. Nela, nós montamos um plano de desenvolvimento individual de cinco anos. Em cinco anos eu quero perder 10kg e correr 16km. Qual é o seu objetivo para daqui um ano, três meses? O que você vai fazer amanhã para poder alcançar isso? Isso se aplica a qualquer área da vida, não apenas dentro da igreja.

Os exemplos de Carlos (perder peso e correr) mostram como os estudantes são encorajados a refletir sobre o futuro, algo que não seria ensinado a um grupo de alunos de meia-idade. Carlos explicou:

Eu acho que a razão pela qual os brasileiros vêm para cá é que o Hillsong College não só ensina a teoria, mas também a *prática*. Eles não estão focados só na teologia, mas na habilidade de levar para a vida o que aprendemos no dia a dia. Eu acredito que o Hillsong College pode ser bom para qualquer um porque ele oferece uma noção de *liderança pessoal*, de organização diária, de planejamento de metas e tudo mais.

Segundo Carlos, o College é atraente para os brasileiros não por causa do estudo da teologia, mas pelo foco em liderança e pela ajuda que oferece

8 John Calvin Maxwell (nascido em 1947) é um autor norte-americano, conferencista e pastor que escreveu diversos livros centrados principalmente em liderança, incluindo As 21 irrefutáveis leis da liderança e As 21 indispensáveis qualidades de um líder. Seus livros já venderam milhões de cópias, com alguns na lista de mais vendidos do New York Times (https://pt.wikipedia.org/wiki/John_C._Maxwell)

aos jovens no gerenciamento de suas vidas quando se tornarem adultos. Uma explicação parecida foi dada por outro aluno:

Eu acho que é porque eles não têm só a mentalidade de criar cristãos, no sentido de ‘Ah, eu quero que todo mundo seja missionário.’ Eles têm uma mentalidade de criar pessoas capacitadas. Tanto que o lema [do College] é [...] ‘para todas as esferas da vida’, não só a igreja. Administração, direito, medicina [...] se você tiver mais habilidades de liderança, pode ler as pessoas e resolver situações com maior facilidade. Então eu acho que eles não estão pensando só na igreja, mas na vida das pessoas em geral.

No guia do curso, a Hillsong também coloca o aspecto transformacional do aprendizado em liderança acima dos ensinamentos cristãos. De certa forma, o College se apresenta como uma “escola de etiqueta” moderna que ensina competências aos jovens que já saíram do ensino médio. É lá que eles aprendem a causar impacto no mundo:

O Hillsong College oferece *formação transformadora e treinamento em liderança*. No coração da Hillsong Church, *you will learn about life, leadership and ministry alongside leaders who are changing the world*. Em uma combinação de aprendizado em sala de aula, experiência prática no ministério e a comunidade vibrante do College, você está na posição ideal para *desenvolver uma vida com propósito e transformação*. Os nossos alunos fazem a diferença em *diversas esferas* ao redor do mundo, *including ministry, administration, education, health and various forms of entrepreneurship with creativity*. Venha e faça parte dessa *adventure*! (Guia de Curso do Hillsong College, 2022/2023, p. 11, minha ênfase)

Cláudia é um ótimo exemplo de como o College ajuda os alunos na transição para a vida adulta e como isso molda suas subjetividades através do trabalho voluntário. Ela tinha 28 anos quando a entrevistei no Brasil. Ela foi estudar no Hillsong College aos 19 e ficou lá por três anos. Depois do primeiro ano de faculdade, assim como acontece normalmente nas famílias

brasileiras de classe média alta, sua mãe sugeriu que tirasse um ano para melhorar o inglês e aprender outra cultura. Ambas eram fãs do Hillsong United, então quando Cláudia sugeriu ir para o College, os pais aceitaram de bom grado. Vários fatores deixam claro como a família pertence à classe média alta: o foco na educação, a vontade de Cláudia de viver no exterior e do fato de seu pai ter coberto todas as suas despesas na Austrália para que não precisasse trabalhar. Ela refletiu sobre as experiências no College dizendo que:

Eu aprendi tudo lá. A Hillsong, como igreja, me moldou em todos os aspectos. E não apenas na cristandade. Eu tinha uma vida limitada no Brasil. Então a experiência na Hillsong me moldou como pessoa, como líder, como membro da minha família, como futura mãe, como filha. Tudo isso foi moldado pela Hillsong e pela Austrália.

Ao dizer que levava uma “vida limitada no Brasil”, Cláudia dá a entender que o tempo que passou no College expandiu seus horizontes e ofereceu a ela uma vida que poderia ser diferente da que tinha antes. Essa vida “ampla” proporcionou uma nova subjetividade no momento crucial em que se tornava adulta. Quando perguntei o que, exatamente, ela aprendeu na Hillsong, ela contou a história de uma menina superprotegida pelos pais. Como vimos anteriormente, essa superproteção é comum nas famílias de classe média alta no Brasil. Ela explicou:

Eu achava que era antissocial. Hoje eu sei que sou introvertida; isso é uma característica da minha personalidade e ainda assim eu tenho algo a oferecer aos outros. A Hillsong abriu a minha cabeça. Eu aprendi tanta coisa! Eu não achava que tinha algo para oferecer, mas hoje eu sei que tenho. Eu sou uma pessoa que nasceu para servir; eu amo servir. Eu aprendi a servir. Lá eu aprendi a estabelecer meus limites, a perceber o quanto eu posso deixar as pessoas me sugarem; quando preciso dizer: ‘Ah, isso não é legal na nossa relação’. Eu aprendi limites. Lá eu aprendi tudo... a vida cristã [...]. Eu não tinha uma identidade estabelecida. Minha

mãe me mimava; ela fazia tudo por mim. Eu não tinha disciplina nenhuma. Os brasileiros não saem de casa até os 30. De modo geral, nossos pais não nos preparam para sair de casa. Minha mãe não me preparou.

Foi na Hillsong que ela percebeu que amava servir, ou seja, fazer trabalho voluntário, e ao aprender a servir ela descobriu o próprio valor. Ela também citou a vida cristã na lista de coisas que aprendeu no Hillsong College, demonstrando que além de aprender teologia, essa experiência lhe forneceu ferramentas para que se tornasse adulta. Cláudia explicou que, ao contrário de sua vida no Brasil, ela foi tratada como uma adulta responsável pela primeira vez. Ela disse:

Aqui no Brasil, você aprende mais o que não fazer como cristão: não pode beber, não pode pecar, não pode sair com amigos que bebem ou fumam, não pode dançar, não pode ouvir música [secular]. Tem muito ‘não pode’. Depende de igreja para igreja. [Por exemplo], na Assembleia de Deus eu era uma pessoa ruim só porque cortava o cabelo! Como cristã, havia muita coisa que eu não podia fazer porque o pastor não deixava. Não Deus, o pastor! E na Hillsong eu comecei a ver o que Deus diz e a interpretar aquilo. Na Hillsong meio que dá para fazer qualquer coisa, mas você tem que saber o que é bom para você e o que não é. [Eu senti que] *pela primeira vez eu passei a ser tratada como adulta.*

Em comparação, ela exaltou o trabalho voluntário que fez no College e na conferência da Hillsong como uma forma de aprender a cultura da igreja e como ser uma “cristã de verdade”.

A primeira equipe que a maioria dos alunos trabalha [como voluntários] na conferência [da Hillsong] é chamada de ‘equipe de excelência’. Mas por que a equipe que limpa os banheiros é chamada de equipe de excelência? Porque tudo é excelência. Tudo tem que ser feito com grandiosidade, com amor. O lema [da Hillsong] é ‘Ame a Deus, ame as pessoas’. As pessoas pensam: ‘Eu vim aqui para aprender a ser pastor’. ‘Não, você veio

aqui para aprender a servir as pessoas. Esse é o seu objetivo para o resto da vida. Servir as pessoas.” E como nós servimos? Com excelência. Sempre.

Podemos perceber que Cláudia aprendeu a ser uma pessoa responsável que possuía um pouco de poder de decisão perante o pastor e a igreja. Em vez de se submeter aos caprichos do pastor, ela podia interpretar a Bíblia e decidir por si mesma o que seria apropriado para a sua vida. Ela também associa o amor ao próximo com o ato de servir com excelência. Tudo isso faz parte da marca Hillsong, como veremos na próxima seção. Cláudia resumiu essas ideias dizendo que: “Uma coisa que você aprende na Hillsong e na Austrália é que você é responsável pela sua própria felicidade, pela sua própria vida, pelas coisas que acontecem na sua vida.” Cláudia foi transformada pelo tempo que passou na Austrália e no Hillsong College. Longe da sua igreja e da família, onde era tratada como criança, ela pôde se tornar adulta e se estabelecer como sujeito moderno. Ela parou de seguir a tradição e autoridades externas (como o pastor) para poder refletir sobre a própria vida e escolher como viver e no que acreditar. Sua subjetividade é influenciada pelo neoliberalismo à medida que ela se percebe como indivíduo autônomo responsável pela própria vida e felicidade. As restrições estruturais da sociedade não parecem ser visíveis para ela.

Outro aluno enfatizou o mesmo ponto em relação a se tornar um indivíduo autônomo no College, quando comentou que:

Quando eu fui para Austrália, eu era seguidor de Cristo, mas voltei como discípulo. [...] É porque quando você segue, você segue independentemente das suas crenças, mas quando se torna um discípulo, você compreende os ensinamentos.

Como todos os outros alunos, ele elogiou o estímulo da Hillsong para que os jovens pensem por si mesmos:

Se você assistir às pregações, vai ver que eles citam pontos importantes do que a Bíblia diz para que você encontre a sua própria

verdade. [Eles não dizem:] ‘tá certo, tá errado’. É uma igreja que não força nenhuma doutrina sobre você. ‘Ah, isso é o que acreditamos, é o que você tem que seguir.’ Não. Você tem liberdade total.

Eu ouvi os alunos brasileiros frequentemente descreverem a igreja deste modo. Entretanto, vale lembrar que embora seja uma igreja de buscadores e, portanto, mais inclusiva, ela ainda é uma igreja pentecostal. Como mencionei anteriormente, no momento da matrícula os alunos devem assinar termos de confidencialidade e contratos afirmando que não vão beber, fumar, usar drogas ou fazer tatuagens. Se os fizerem, poderão ser expulsos. Isso foi discutido com inquietação na página do Hillsong College no Facebook, como já foi citado no texto. Quando perguntei aos alunos brasileiros se eles se sentiam reprimidos por isso, me disseram que era compreensível o College solicitar essas assinaturas, pois ele tem o dever de cuidar dos alunos para suas famílias. Um ex-aluno justificou: “Por que a Hillsong faz isso? Porque os pais confiam que seus filhos retornarão da mesma forma que chegaram. Imagina se eles chegam em casa bêbados, tatuados, com piercing, usando drogas?” Outro me disse:

Muitas pessoas têm tatuagens. O Brian [Houston] já nos disse que não gosta delas. Um cara fez uma tatuagem e [o Brian] chegou e falou, ‘Você quer fazer tatuagem? Tudo bem, você pode fazer, mas essa é a minha plataforma, e eu não quero você mostrando isso. Cubra!’ Não que seja pecado. Ele não disse que é pecado. Ele não diz que beber é pecado [...] mas ele é um cara tradicional. Se ele deixa [as pessoas fazerem o que quiserem]... Imagina? Ia ser uma bagunça!

Acredito que, como os brasileiros vêm de uma cultura pentecostal muito mais conservadora, eles acham que as regras impostas pela Hillsong são razoáveis. Conversei com docentes do Alphacrucis College que foram professores de diversos brasileiros (a Hillsong possui uma parceria com o Alphacrucis College e recomenda o bacharelado em teologia após três anos

no Hillsong College, que é apenas uma escola técnica). Eles me disseram que era difícil para esses alunos aceitarem a abordagem mais crítica (e liberal) da Alphacrucis. As discussões incluíam pontos de vista mais progressistas sobre homossexualidade, aborto e a teoria da evolução. Em várias ocasiões, o desconforto dos alunos brasileiros gerou tensão nas salas de aula. Os professores tiveram que criar um equilíbrio entre o ensino de pensamento crítico que o bacharelado em teologia exigia, e a vontade de evitar problemas para os alunos quando voltassem às igrejas de seu país. Um professor comentou: “A teologia conservadora do Brasil foi desafiada pela nossa liberdade acadêmica [...] e eles não souberam lidar com isso.” Outro disse:

Alguns dos feedbacks que nós recebemos são de alunos muito gratos por serem expostos a isso. Foi um grande desafio, mas eles sentem que puderam crescer. [...] Ao mesmo tempo, alguns deles resistem e depois pensam, ‘Ah o College [da Alphacrucis] não é para mim’, e desistem.

Portanto, embora os alunos exaltem o Hillsong College por ensiná-los a pensar por si mesmos, esse movimento de uma cultura cristã conservadora para outra mais liberal não acontece sem conflitos.

Aprendendo Excelência e Deixando o “Jeitinho” de Lado

Todos os brasileiros associados à Hillsong — tanto pastores, quanto alunos e visitantes — elogiaram o foco em excelência da megaigreja. Riches (2010) observou que a excelência é uma característica essencial da marca Hillsong. Os valores elevados para a produção dos cultos, a sede corporativa com as últimas novidades em tecnologia, as “marcas de tecnologia utilizadas (apenas Apple), e a marca das garrafas d’água na sala dos bebês,” como citado por Klaver (2021, p. 55), tudo denota a preocupação da Hillsong em exalar “excelência” em cada detalhe. Como vimos no capítulo 1, o foco em excelência faz parte da intenção da Hillsong de atrair os jovens que se

acostumaram com a alta tecnologia do mundo secular. Mas isso também faz parte da Teologia da Prosperidade, que é associada ao sucesso e à abundância. Em uma entrevista, a vice-diretora do Hillsong College usou uma justificativa teológica para o foco em excelência:

Tudo se resume a [...] trazer minha excelência para esse encontro como uma forma de conferir valor a você e ao tempo que passamos juntas. A excelência não é uma fórmula [...]. Excelência é dar o seu melhor [...]. Deus deu tudo de si por nós. Assim como Ele entregou o próprio filho, Ele não se reteve, e Ele fez isso para que pudéssemos ter uma relação com Ele, e apenas isso. Deus não se poupou, então por que deveríamos nos poupar?

Os brasileiros apreciam a excelência porque a associam com modernidade e com o Norte Global, que é visto como perfeito. Um brasileiro uma vez me disse em uma conversa na igreja, em tom de brincadeira, mas também de admiração: “Até o papel higiênico é excelente na Hillsong.” Quando você vem de uma sociedade na qual todo e qualquer detalhe — o cabelo (encaracolado ou liso, preto/castanho ou loiro), os sapatos, a alimentação, o tipo de corpo, o carro — é um marcador de classe (e raça, pois elas frequentemente estão ligadas uma à outra), a brincadeira sobre o uso de papel higiênico de alta qualidade faz muito sentido. Ademais, a excelência se opõe ao tal “jeitinho brasileiro”, um sistema de favores mútuos em que as pessoas contornam regras e leis como favor a outros. A sociedade brasileira está sobrecarregada de burocracias, regulamentos e desigualdades na aplicação da lei. Para contornar essa situação, o povo brasileiro normalmente utiliza o jeitinho como recurso de poder (DaMatta, 1991; Levine, 1997; Duarte, 2006). Muitos desejam se desvencilhar desse comportamento, pois o veem como a raiz dos problemas que atrasam o país. Eles anseiam pela excelência como um sinal de modernidade e desenvolvimento. A forma como a Hillsong utiliza isso no dia a dia realça o seu status na percepção desses brasileiros, como mencionado no capítulo 2.

Gustavo estudou no Hillsong College por três anos, e disse que não foi fácil aprender a excelência porque veio da cultura do jeitinho:

Porque a gente vem da cultura do jeitinho. É um processo. Porque você se sente meio preguiçoso [para fazer as coisas até o fim]. Foi uma das coisas que eu tive que aprender na igreja e trouxe para minha vida. Por exemplo, quando você enche a forma de gelo. Eu morava com outras pessoas; éramos quatro e eu era o único brasileiro. Eu costumava pegar o gelo e não encher a forma de água. Você percebe? Eu era preguiçoso demais para gastar dez segundos do meu tempo e ser excelente. Eu esvaziei a forma? Então encho de novo em dez segundos e coloco de volta. Demora dez segundos para fazer isso. É assim que funciona. *Essas coisas pequenas da igreja afetaram a minha vida.* Leva dois minutos para fazer algo. Se você terminou de fazer, se pergunte: ‘Ficou excelente?’.

O ensino de excelência pela Hillsong faz com que todos os alunos brasileiros assumam que isso é um valor central da cultura australiana, fato frequentemente mencionado por eles. No entanto, a cultura australiana é vista pelos australianos como “descontraída”, ou “tranquila,” em que as pessoas dizem: “She’ll be right, mate” (“Ah, nem esquentar”, em tradução livre), ou seja, não está perfeito, mas está bom, e as coisas vão se ajustar com o tempo.⁹ Dessa forma, essa sobreposição da Hillsong com a Austrália (como se ambas exaltassem a excelência) diz mais sobre como os brasileiros veem o Norte Global e o que eles esperam dele, do que da cultura australiana. Por exemplo, Patrícia estudou no Hillsong College por um ano e retratou diferenças entre a cultura brasileira e as sociedades do Norte Global. Enquanto falávamos sobre a inauguração da Hillsong em São Paulo, que estava próxima, ela tinha certeza de que a falta de responsabilidade e o jeitinho criariam obstáculos para a igreja. Ao aprender a ser dedicada, a

9 Para saber mais sobre a identidade nacional australiana, ver Elder (2007).

cumprir regras e a dar o seu melhor no Hillsong College, ela percebeu que os brasileiros desconheciam esses conceitos.

Eles [na Hillsong] têm uma mentalidade gringa, uma mentalidade de excelência no serviço, de compromisso, uma mentalidade de que se você diz que vai fazer uma coisa, você tem que fazer direito e com responsabilidade. *Essa é uma cultura que eles têm no exterior*, e é muito forte lá [na Hillsong]. É o que eles ensinam para os alunos. Foi lá que eu aprendi e tentei trazer um pouco para cá, mas os brasileiros não são assim. Se eles querem ir pro cinema no domingo à noite [quando geralmente tem culto], eles não vão ligar pro líder [de ministério] e falar: ‘hoje eu não vou poder ir por conta disso e daquilo. Eu pedi para um cara me substituir.’ Não, eles simplesmente não aparecem, e aí não tem ninguém lá na hora certa. A Hillsong é bem rígida nisso. Então [quando eles abrirem no Brasil], vai ter muita gente sem saber o que fazer e não vai funcionar do jeito que eles querem. Eu acho que eles estão demorando para abrir aqui por causa disso.

Dado que pontualidade, compromisso e confiabilidade não fazem parte da cultura brasileira, estes precisam ser ensinados aos calouros brasileiros (e aos voluntários quando a igreja estabelecer uma filial no Brasil, como veremos no capítulo 7). Conversei com um aluno brasileiro do Hillsong College que foi encarregado de ajudar seus compatriotas calouros. Ele disse que deu dez conselhos para eles:

Nós tivemos uma sessão sobre cultura [australiana]... tipo o que temos que mudar [em nós mesmos] aqui. Foi muito legal porque eu apresentei isso para eles de um jeito engraçado, como os ‘Dez Mandamentos’ para brasileiros no College. Eu falei: ‘número um: o despertador é amigo; não tem horário de brasileiro aqui. Se a aula começa às 14:30, estejam lá às 14:25, cinco minutos antes da aula. Não se atrasem, porque isso não faz parte da cultura australiana. É socialmente aceitável se atrasar cinco ou dez minutos no Brasil, mas aqui não; é desrespeitoso, então não se atrasem.’

Dois aspectos são importantes aqui. Primeiro, como Patrícia (e muitos outros citados no capítulo 2), esse estudante sobrepôs as culturas da Austrália e da Hillsong (ambas supostamente exigem pontualidade e responsabilidade) e as comparou com a brasileira (que não possui essas características). Segundo, ele ser nomeado para auxiliar os brasileiros recém-chegados mostra que, embora haja uma hierarquia na igreja, sua base é flexível e liderada por voluntários. É a partir desses pequenos postos (de serviço) que os alunos brasileiros se sentem levados a sério, adquirem habilidades de liderança e aprendem pontualidade, confiabilidade e excelência. Em resumo, eles sentem que o College os prepara para a vida como adultos de sucesso e sujeitos modernos.

Mudando o Mundo

Em uma pesquisa sobre jovens cristãos na Escócia, Vincett et al. (2012) concluíram que o secularismo, a pluralização, a relativização e a expansão do capitalismo de consumo dos últimos 40 anos evidenciam a mudança da forma como os jovens cristãos se relacionam com a religião. Em vez de privilegiar crenças, os jovens estavam mais interessados em praticar a cristandade no dia a dia e em se envolver com o mundo secular. Eles se voluntariam para atuar em causas sociais e “defendem a justiça social e aceitam outras pessoas sem preconceitos ou restrições” (2012, p. 282). Os autores afirmam que, para esses jovens, a crença se tornou incorporada. Acreditar é um processo prático através do qual eles desenvolvem sua individualidade autêntica. Para eles, em vez de “cristãos dominicais”, a cristandade autêntica está relacionada à realização de boas ações fora da igreja tradicional.

Isso é muito parecido com o que observei nos jovens brasileiros que estudam no Hillsong College. Muitos me falaram que queriam fazer a diferença no mundo. Eles explicaram que servir na Hillsong, uma igreja que acreditavam ter um grande impacto no mundo, era uma maneira de fazer isso. Por exemplo, em um dia de semana almocei com Paulo em um café descolado, decorado com muitas plantas, bem em frente ao City Campus do

Hillsong College, em Sydney. Ele me contou que tinha 15 anos quando soube do College, por meio de folhetos que recebeu em um show da Hillsong United em São Paulo. Mais tarde, alguém profetizou que ele seria pastor, então ele fez um curso de teologia associado à sua igreja. Depois de algum tempo, ele se frustrou com o curso, porque a maioria dos professores estava aposentada e não era ativa na igreja. Ele sentiu que eles não tinham muito a oferecer. Ele disse que saía das aulas com muitas dúvidas, pensando:

Não quero isso para mim. *Eu quero mudar o mundo.* Quero fazer do mundo um lugar melhor do que encontrei. Quero inspirar as pessoas. Quero que as pessoas tenham uma vida melhor porque eu as ajudei. Eu queria ter uma vida com sentido e não seguir o roteiro: ir para faculdade, namorar, casar, ter filhos, envelhecer.

Ele sorriu e disse:

Eu sempre fui sonhador. E eu disse: ‘Deus, quero estudar em um lugar que me inspire, de onde eu saía da sala de aula com o coração em chamas’. Foi quando Deus me lembrou daquele folheto que recebi no show da Hillsong United em 2006.

Naquela época, ele estudava design gráfico na universidade, e para economizar dinheiro para ir para o College, começou a produzir e vender camisetas estampadas com a mensagem de Páscoa da Hillsong “cruz igual a amor” (†=♥) e outros trechos bíblicos em inglês. Ele também criou um blog para escrever sobre a sua vida e o sonho de estudar na Hillsong e o utilizou como plataforma para vender as camisetas on-line. Paulo logo passou a vender mais camisetas do que conseguia produzir, demonstrando a fama da Hillsong no Brasil na época. O fato de ele não ter traduzido as mensagens cristãs das camisetas para o português também demonstra a importância do inglês como um sinal de ambição ao estilo de vida do Norte Global. Ele foi tão bem-sucedido que, depois de alguns anos, tinha dinheiro suficiente para se matricular no Hillsong College. Quando o entrevistei, ele estava no

segundo ano do College e tinha acabado de entrar para a equipe de design gráfico da Hillsong como estagiário. Não é preciso dizer que ele estava muito animado com essa nova vida. Ele disse:

Olha... para ser sincero, eu ainda acordo e penso: ‘Não acredito que estou morando em Sydney’. Eu ainda acordo e penso: ‘Não acredito que estou trabalhando para a Hillsong’. Como designer gráfico, *eu sempre segui o estilo da Hillsong. A Hillsong é uma referência em design gráfico para as igrejas cristãs brasileiras*. Você vê os envelopes, os folhetos, os vídeos — ‘excelência’ é a marca registrada deles; tudo é lindo. Eles foram uma inspiração para mim.

Mais uma vez a Hillsong é elogiada pelo foco em excelência, uma qualidade associada ao Norte Global. Atestando como o cristianismo descolado se espalha de forma reticular e material (por meio de camisetas, envelopes, folhetos, vídeos etc.), Paulo observa que a estética do design gráfico da Hillsong é uma referência para as igrejas brasileiras, e que ele adotou esse estilo no próprio trabalho depois de se formar na universidade. Ainda enquanto conversávamos, ele me disse: “No College, temos esse ditado: ‘Estamos vivendo um sonho’”. Para ele, essa nova vida era de fato um sonho que se tornou realidade:

Acho que a maneira mais simples de explicar [como me sinto] é ‘isso é um sonho’. Eu sempre quis estar aqui; sempre quis morar no exterior. Nunca pensei que um dia seria fluente em outro idioma. Preguei na sessão de três minutos ‘Out of the Boat’ na Capela, em inglês, duas vezes! Tenho o vídeo e posso te mandar mais tarde. Enquanto eu pregava, pensei: ‘Nossa, eu nunca imaginei que viveria isso’. Porque é muito distante da realidade brasileira! Eu digo aos meus amigos gringos daqui: ‘Se você quiser ver um milagre, encontre um latino e converse com ele, porque é um milagre que os latinos estejam aqui. Só para obter o visto, temos de provar que temos 18.000 dólares australianos na conta. Isso é um *milagre* por si só’.

Como podemos ver, embora a ideia de “viver um sonho” seja recorrente entre os alunos do Hillsong College por causa da associação da igreja com pastores famosos e bandas de louvor, ela é ainda mais recorrente entre os brasileiros. Ainda que a situação financeira de alguns deles não seja favorável (como Paulo, por exemplo), esse não é o caso de muitos com quem conversei. A questão mais importante que todos eles mencionaram foi o fato de terem que superar as dificuldades com o idioma. Para eles, ser fluente em inglês era a porta de entrada para uma vida diferente. Essa é uma ideia que perpassa a mente das elites econômicas e da classe média no Brasil (O’Dougherty, 2002; Windle e Maire, 2019). Por isso, Paulo achava que pregar em inglês era um rito de passagem importante para alcançar uma nova vida cosmopolita. Como vimos no capítulo anterior, “viver o sonho” também está associado a ser feliz e se divertir no College e na igreja:

Em uma das aulas-Capela, o diretor do College virou para mim e disse: ‘Paulo, vejo que você vai ser muito influente. Você vai voltar para o Brasil e vai transformar aquele país. Vejo que você vai levar para o Brasil um pouco dessa fórmula divertida que as igrejas não têm por lá. A religiosidade deles é muito pesada, muito séria’.

Muito provavelmente outros alunos brasileiros também haviam dito ao diretor que o prazer e a diversão não faziam parte das igrejas no Brasil, e isso foi algo que eles aprenderam na Hillsong. Paulo não tinha certeza se queria voltar ao Brasil. Nos anos que se seguiram após o nosso almoço, ele se formou no Hillsong College e concluiu um bacharelado em teologia no Alphacrucis College. Ele agora trabalha na Hillsong e ainda mora em Sydney.

Tornando-se Cosmopolita

A Hillsong, assim como outras megaigrejas, coloca o “mega” em prática (Goh, 2008). Ou seja, ela aproveita toda e qualquer oportunidade para

mostrar que tem sucesso e que causa impacto no mundo, sendo assim favorecida por Deus. Vimos, no capítulo 3, como a igreja em Sydney realiza cultos multiculturais especiais inspirados pelas políticas multiculturalistas do governo australiano. Nessas ocasiões, os cultos são dedicados a diferentes grupos étnicos e os alunos membros desses grupos preparam a comida típica de seu país para ser vendida depois do culto. O Hillsong College sempre enfatiza o fato de que os estudantes vêm de diversas partes do mundo. A expectativa de ter amigos estrangeiros diz respeito ao desejo da classe média (alta) brasileira de se tornar “cidadãos globais” e de apagar a sua posição no Sul Global. Em seu estudo sobre brasileiros na Austrália, Wulforth (2011, p. 113) observou que os brasileiros de classe média alta na Austrália normalmente se descrevem como “cosmopolitas” ou “cidadãos do mundo”. Ela argumentou que isso ocorre porque eles “buscam recuperar sua posição [social] como brancos”, libertando-se “dos estigmas de ‘exótico’ e ‘étnico’”. Eles se apoiam na ideologia do multiculturalismo para se referir à Austrália como um lugar que proporciona uma vida e identidade cosmopolitas, onde eles podem sentir pertencimento”. Da mesma forma, Robins (2019) concluiu que os brasileiros de classe média que se mudaram para Londres pelo estilo de vida (e não por motivos financeiros) “veem sua migração em termos cosmopolitas e ‘não nacionais’, como um exercício de ‘cidadania mundial’”. Windle e Maire (2019) mostraram como é importante viver por um período no exterior e adquirir habilidades linguísticas para brasileiros de classe média. Eles (2019, p. 727) afirmam que esses brasileiros buscam capital cultural cosmopolita com “o objetivo de se distinguir dentro das hierarquias brasileiras”. É também a ambição pelo cosmopolitismo e pela fluência em inglês e, conseqüentemente, pela distinção social que leva os brasileiros cristãos a se matricularem no Hillsong College e seus pais a financiarem esse tempo no exterior, como vimos anteriormente na história de Cláudia. Para esses pais cristãos, a Hillsong também oferece um lugar cristão seguro onde seus filhos podem experimentar a vida no Norte Global.

Os alunos frequentemente associavam o cosmopolitismo à aventura e ao entusiasmo de morar no exterior e conhecer estrangeiros. Uma aluna me contou que, em um dos primeiros dias do College, a igreja leva todos os alunos matriculados no campus do centro da cidade de ônibus até a sede, que fica nos arredores de Sydney (uma viagem de 42 km).¹⁰ A igreja fazia este evento para os novos alunos receberem as boas-vindas de Brian Houston (o então pastor sênior global). Ela não conseguiu esconder a animação quando explicou o evento:

No começo, tá, eles sempre falam quantas pessoas vieram de cada país. É muito legal. É quando o Brian dá as boas-vindas para gente, e todo mundo vai até o Hills Campus. Aí, no auditório gigante, ele começa [a perguntar]: ‘Brasil! Temos alguém do Brasil?’, e todo mundo diz: ‘Sim!’ E todos os brasileiros se levantam. É como se a gente jogasse em um time de futebol. É muito gostoso!

Fazer amigos do mundo todo é um dos principais motivos que fizeram os brasileiros apreciarem sua temporada no Hillsong College. Um aluno comentou:

Foi fácil fazer amigos no College. As pessoas são muito abertas, e como a maioria dos alunos é estrangeira — menos da metade é australiana —, fica muito mais fácil porque todo mundo está meio perdido. Ninguém tem amigos de início. Todos estão abertos à amizade. Então a gente faz o que os grupos normais de amigos fazem: vai no cinema, passeia, se reúne em casa, faz um churrasco, vai para praia.

As festas frequentes no College e a moradia compartilhada também estimulam amizades entre as nacionalidades. Outra aluna se mostrou

¹⁰ O Hillsong College possui instalações em dois locais: a sede nos arredores de Sydney (campus Baulkham Hills) e o City Campus, perto da estação central, no coração de Sydney.

profundamente nostálgica quando a entrevistei dois anos depois de ter retornado ao Brasil:

Eles sempre preparam festas de recepção. Os alunos geralmente chegam duas semanas antes do início das aulas. Aí, durante a semana, os alunos do segundo e terceiro ano organizam festas de recepção com comida. Eles sempre tocam músicas só para galera, sabe. Conversar e conhecer pessoas é muito legal. Todo mundo sempre acaba dançando e todos ficam amigos de todos. A gente troca ideia; a gente fica circulando na festa conversando uns com os outros. É lindo. Nossa, sinto muita falta disso! Eu era tão jovem! Eu ainda sou jovem, mas tinha acabado de fazer 18 anos. Terminei o ensino médio e fui embora [para a Austrália]!

Um estudante me disse que seu apartamento era famoso pelas festas que misturavam estrangeiros com brasileiros:

Eu saía com todo mundo. Eu tinha vários amigos estrangeiros e brasileiros. A gente organizava muitas festas na nossa casa. Nosso apartamento era conhecido como 'The 537'. Todo mundo ia lá. A gente fazia várias festas e churrascos. Mas não tinha nada de sacanagem, nem bebida; as pessoas se comportavam. A gente só se divertia, jogava videogame. De noite a gente ia no flipperama, no cinema.

Compartilhar as casas oferecidas pela Hillsong com outros alunos também é uma forma pela qual os brasileiros dizem aprender sobre outras culturas e abrir a mente enquanto fazem amigos estrangeiros. Uma pastora brasileira de vinte e poucos anos que estudou no Hillsong College me disse:

Nós dividimos uma casa com uns alemães. A cultura brasileira é bem diferente da cultura alemã. Isso não significa que [morar junto] foi difícil, mas foi um desafio empolgante, sabe? Você aprende a respeitar os outros, conhece os próprios limites, aprende a se comportar melhor. Então eu acho que tudo lá na Austrália, para quem está fazendo intercâmbio, é uma questão de crescimento.

O marido pastor acrescentou:

O que eu percebi muito foi que os estrangeiros têm a mente muito aberta. No Brasil, se eu me mudar para um bairro diferente, a gente faz um alarde. Como se fosse algo de outro mundo, parece que minha vida vai acabar. Lá, eles mudam de país como quem muda de roupa. Então eles têm a mente muito aberta. É muito *aberta para o mundo*. Acho que a mentalidade brasileira é mais limitada nesse sentido, e isso atrapalha a forma como fazemos a igreja. É por isso que nós nos espelhamos em igrejas estrangeiras.

Na sua avaliação, os brasileiros eram muito isolados e levavam uma vida tradicional, o que acabava sendo refletido nas igrejas conservadoras. Por outro lado, os amigos estrangeiros eram “abertos para o mundo”, flexíveis e se mudavam com frequência. As pessoas que entrevistei nunca mencionaram as razões estruturais pelas quais os brasileiros não se mudam tanto: a falta de conhecimento da língua inglesa, a moeda fraca e a dificuldade de obter visto para viajar. Eles estavam mais interessados em saber como essa “mente fechada” se relacionava ao conservadorismo das igrejas brasileiras. Para evitar isso, eles procuravam estilos de igrejas estrangeiras como a Hillsong. Quando perguntei como as igrejas brasileiras eram diferentes da Hillsong, a pastora explicou que eles se matricularam no College não pela teologia, mas para aprender um novo estilo de igreja:

O nosso pastor sênior nos mandou [para lá] para aprendermos coisas além da Bíblia, porque podemos aprender sobre isso em qualquer lugar. Mas quando vamos para Hillsong, aprendemos o jeito de se fazer a igreja. E é um jeito leve; é um jeito de sempre apontar para Jesus. É o jeito como aceitamos as pessoas como elas são. O que a gente vê na igreja brasileira, às vezes, é só muita regra e doutrina, infelizmente. Às vezes as pessoas fazem coisas e não têm a menor ideia de porque estão fazendo as coisas. Então o que mais aprendemos na Hillsong foi como aplicar nas nossas igrejas a cultura do Reino de Deus e formas de sermos mais parecidos com o que Jesus ensinou.

O marido acrescentou: “E é, de fato, uma *mudança de cultura*; é uma mudança de mentalidade”.

Muitos alunos se referiam à mudança de suas vidas de maneira similar. Como Delanty (2006, p. 41) argumentou: “É na interação entre o eu, o outro e o mundo que os processos cosmopolitas acontecem.” Assim, o cosmopolitismo é um processo de autotransformação inerente à vida cotidiana. De fato, Glick Schiller et al. (2011, p. 403) observaram que “a sociabilidade cosmopolita [...] não existe no abstrato; ela [é] efetuada e incorporada às relações sociais e às identidades baseadas na prática”. Para esses brasileiros, não foi apenas a sua identidade como brasileiros que foi desafiada e transformada quando confrontada com outras formas de viver e entender o mundo, foi também a sua identidade cristã mais profunda que foi questionada e avaliada. Embora a autorreflexividade seja parte integrante da modernidade, como Giddens (1991) relatou, para esses brasileiros, que foram jogados em uma sociedade diferente da noite para o dia, jovens e sozinhos, esse processo de autotransformação foi muito mais radical e teve um impacto duradouro em suas vidas, como veremos no capítulo 6.

Conclusão

A literatura que aborda o trabalho afetivo ou emocional nas megagregas aponta para a exploração dos fiéis. Megagregas abastadas demandam trabalho sem remuneração para que possam se expandir. Por sua vez, os fiéis se dispõem a doar seu tempo porque a igreja é importante em suas vidas e porque desejam contribuir com a evangelização. Neste capítulo, foquei nos brasileiros matriculados no Hillsong College para que pudéssemos entender por que sentiam tanta admiração pela igreja apesar da quantidade excessiva de tempo que devem se dedicar a servir, isto é, a se voluntariar na igreja. As diversas histórias que ouvi foram sobre transformação e entusiasmo pelas suas novas vidas como adultos autônomos e cosmopolitas. Enquanto suas subjetividades eram transformadas ao adquirirem habilidades que pudessem ser aplicadas na vida adulta e ao fazerem amizades com

peessoas do mundo todo, eles vislumbravam suas igrejas no Brasil transformadas por essa nova forma de se fazer a igreja. Seus *mapas de significância* tinham, finalmente, levado-os até a Austrália para, enfim, “viver um sonho”. Eles estavam vivenciando o mundo da igreja que adoram. Para eles, as histórias de suas vidas se mesclaram com a marca Hillsong, tornando-as mais amplas do que as vidas “limitadas” que levavam antes.